

Preço da assignatura

Na cidade	Anno	1\$200 rs.
	Semestre	600 "
Fóra da cidade	Anno	1\$400 rs.
	Semestre	700 "
Numero avulso		30 "

JORNAL DE GUIMARÃES

Preço das publicações

Annuncios e communicados, linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 "
No corpo do jornal	100 "

As obras litterarias, quando o mereçam annunciam-se em troca de um exemplar.

Redacção, Administração e Typographia

Rua de Payo Galvão—Typographia Minerva

Orgão do Centro Nacional

Editor

Francisco A. da Silva

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Guimarães, 4 de outubro de 1902

Batalhemos!

No actual momento historico que vai correndo, não preluza para Portugal solida esperanza, senão no partido nacional.

O programma deste partido nascente é duma opportunidade flagrante, e tão flagrante, que ainda ninguem se atreveu a combatê-lo.

Procuram desvirtuá-lo ou taxá-lo de irrealizavel os que têm interesses ligados com o *statu quo* do partidarismo rotativo, mas encará-lo de frente e oppugná-lo nos seus principios essenciaes, nos seus artigos basilares, na sua ideação expressa, ainda não houve quem o fizesse.

Todavia o partido nacional não faz nem fará jámais monopólio de patriotismo ou de catholicidade, não; o que fez, foi considerar o nosso estado moral, religioso e politico, e reduzir a uma formula as suas aspirações, aspirações que forcejará por effectuar na medida das suas forças.

Póde haver quem apprehenda o problema da nossa restauração por um lado mais razoavel e mais seguro em beneficas resultancias. Em questões de sociologia ninguem se

rá tão desassissado que procure o bem absoluto; o que se deve procurar é o melhor bem possivel, attendendo ao conjunto das circumstancias em que elle se ha de operar.

Ora, se alguém entende que ha uma formula de principios mais viavel, mais exequivel, mais unitiva que a que o partido nacional inscreve na sua bandeira, apresente-a, propague-a, submetta-a á prova da critica e depois veremos em que conceito deve ser tida.

O que se não desculpa, o que é sobremodo censuravel, é que no meio dos descabros da nossa nacionalidade cruzemos os braços numa apathia de catalepticos.

Vemos cair uma a uma as pedras que formavam o monumento da nossa grandeza, e não levantarmos ao menos uma das mãos para sustar ou reparar a ruina que a acção do tempo ou a maldade dos homens vai operando, é indício duma indifferença injustificavel.

Eu bem sei que se vai generalizando a opinião de que os nossos males já não têm remedio, tão inveterados e enraizados elles estão! e que portanto deixemos correr.

Este modo de pensar e proceder parece ser uma expressão de desalento e não é mais que um disfarce do commodismo pessoal. Ainda que fosse verdade, que não é, que a nos-

sa situação não tinha remedio, não deviamos deixar de lutar, de combater até ao extremo.

Morrámos muito embóra, mas no meio da lucta e do combate. Isto sim, que é morte gloriosa, morte de heroes.

Não vemos ahi a maçonaria e o socialismo que não descansam de dia nem de noite na propagação das suas doutrinas, no recrutamento de novos adeptos?

E nós que temos ideaes mais sympathicos, mais nobres e mais justos, quaes são religião e patria, havemos de nos quedar nas estagnações da indifferença a olhar boquiabertos, num pasmo de beocios, como a Igreja é affrontada por governos impios e sem escrúpulos, e como a nação é posta a saque pelo bandoleirismo politico?

Nós, que nos prezamos de catholicos, havemos de confirmar mais uma vez a phrase evangelica — *que os filhos do seculo são mais prudentes no seu genero que os filhos da luz?*

Vemos ahi os republicanos sem chefes, sem programma bem definido, envolvidos quasi sempre em luctas intestinas, e apesar disso não desanimam, não desesperam, não deixam de trabalhar. E nós que nos achamos em condições incomparavelmente mais vantajosas, pois temos chefes, e prestigiosos, temos um programma bem completo e bem claro,

temos harmonia de vistas e de pensamento em todos os membros, havemos de esmorecer, havemos de fraquejar?

Pensemos em a nobreza da causa que advogamos, e nunca nos faltarão alentos para nos mantermos em nosso posto e conquistar novo terreno.

P. A.

Cruzada a favor da boa imprensa

Corre por ahi impresso com este titulo um precioso opusculo, que versa assumpto de manifesta importancia.

Não traz o nome do auctor, mas sabemos que é trabalho dum escriptor de pulso, muito conhecido no paiz, e duma alma sincera e ardente pela grande causa da boa imprensa periodica.

Está escripto com tanto vigor de raciocinio e em linguagem tão scientifica e ao mesmo tempo tão amena e clara, que pela sua leitura ficamos convencidos de que prestaríamos alto serviço á causa que elle advoga, publicando-o em numeros successivos desta folha.

Mas antes de iniciarmos a sua publicação, exporemos em rapido e singelo escoreço o nosso modesto pensar sobre qual deva ser o caminho, que, na objectivação do pensamento culminante e alvejado fim do opusculo, devem

seguir os que são pela causa da boa imprensa.

Por boa imprensa deve entender-se aqui o jornal barato, que defenda proficientemente os seus principios religiosos e sociais.

Para realizar este fim, necessario é que seja bem escripta, bem informada e bem divulgada.

Será *bem escripta*, se usar de linguagem clara e sobremodo atrahente, como a de que sabe usar o jornalista adestrado na elaboração da secção que lhe fôr incumbida; *bem informada*, se inserir noticias que interessem ao geral dos leitores, palpitanes, em primeira mão, e até bebidas pelas taças por onde bebem do fino . . . licor dos deuses os que com elles convivem; *bem divulgada*, se fôr barata e pelos distribuidores particulares e officiaes levada aos principaes centros e ás aldeias de todo o paiz, onde fôr divulgada a imprensa má, ainda que a receita não cubra a despêsa desta vulgarização.

Numa palavra: a imprensa boa deve poder rivalizar no norte com o *Janeiro* e no sul com o *Seculo*, e de tal arte, que ao leitor seja indifferente comprar nas estações dos caminhos de ferro ou nas ruas das cidades e villas estes dois jornaes ou a boa imprensa, por ser igualmente bem escripta e bem informada.

Se não fôr possivel organizar, pelo menos no Porto e em

FOLHETIM (6)

BELISARIO

(Tradução)

«Quereis então, lhe respondeu Belisario depois de alguns momentos de silencio, que eu vá mostrar que elle teve razão em me tirar os olhos? Ha muito tempo, senhor, que Belisario tem recusado corôas. Mais do que uma me offereceram Carthago e a Italia. Estava eu na idade da ambição, já então me via perseguido, e nem por isso me tornei menos fiel ao meu principe e á minha Patria. Ora o mesmo dever que então me obrigava, subsiste ainda, e nada logrou desligar-me delle. Ao dar a minha fé ao imperador, esperava decerto que fosse justo: mas não me reservei, se porventura elle o não fosse, o direito de me defender nem de me vingar. Não espereis pois de

mim contra elle revolta nem traição. E de que vos serviria aliás fazer-me perjuro? Para que vos valeria um velho privado da luz, e cuja mesma alma tem perdida a força e a actividade? A vossa empresa é superior a mim e talvez a vós mesmos. Na relaxação das forças do Imperio, parece-vos elle fraco: mas o seu estado é de languidez; e para o levantar, para reanimar as suas forças, seria talvez para elle uma grande coisa que alguém tentasse o que vós meditais. Essa cidade, que vós julgais facil de sobresaltar, está cheia dum povo aguerrido; e que homens não appareceriam ainda á sua frente! Se o velho Belisario se pode julgar do numero dos mortos, está bem vivo Narses, Narses que tem como rivaes de gloria Mundo, Hermes, Salomão e muitos outros que só respiram combates. Não espereis, acreditai-me, não espereis senão do tempo a ruina do Imperio. Poderéis fazer nelle alguns estragos: mas isso é uma guerra de bandoleiros, e a vossa alma é digna de conceber uma ambição mais nobre e mais justa. Justiniano só

quer alliados e amigos: não ha reis a quem estes titulos não devam honrar, e de vós depende...» — «Não, tornou o Bulgaro; eu nunca serei amigo nem alliado dum homem que te deve tudo e que te mandou tirar a vista. Queres reinar commigo e ser a alma dos meus conselhos e o genio dos meus exercitos? Tal é a minha posição.» — «A minha vida está em vossas mãos, disse Belisario; mas nada póde desligar-me do meu legitimo soberano; e se, no estado em que me encontro, eu lhe pudesse ser util, ainda que fosse contra vós, podia elle confiar tanto em mim, como no tempo das minhas prosperidades.» — «Extravagante virtude, disse o Bulgaro!» — «Mal do povo, voltou Belisario, a quem ella parece extravagante! Pois não vedes que é ella o fundamento de toda a disciplina; que nenhum, em qualquer estado, é juiz e vingador de si mesmo; e que, se cada qual se arvorasse em arbitro da propria causa, seriam tantos os rebeldes, como os descontentes? Vós, que me convidais a punir o meu soberano por ter sido injusto, da-

riais a vossos soldados o direito que me attribuis?» — «Dar-lho, disse o Bulgaro?... Elles têm-no, sem eu lho dar: mas o medo contem-nos.» — «E a nós, tornou Belisario, é a virtude que nos dirige; e tal é a vantagem dos costumes dum povo civilizado a respeito dos dum que o não seja. Vou fallar-vos com a franqueza dum homem que nada mais espera nem teme. Em que genero de vassallos dominais vós? O seu unico recurso é a guerra; e esta guerra, em que elles se têm creado, leva-os a desprezar todos os bens da paz, a não fazerem caso das riquezas do trabalho e da industria, a calcar aos pés todas as leis da natureza e da equidade e a buscar na destruição uma subsistencia incerta. Reflecti, senhor, que, para assolar os nossos campos, haveis de deixar os vossos sem lavradores e sem searas; que, para alimentar uma porção da humanidade, é mister matar outra; e que o vosso mesmo povo rega com seu sangue os paizes que vem desolar.» — «Pois a guerra, disse o Bulgaro, não é a mesma entre vós?» — «Não, res-

pondeu Belisario; o fim das nossas armas é a paz depois da victoria e a felicidade por penhor da paz.» — «Não custa nada a sermos generosos, quando somos mais fortes. Mas não fallemos mais disto. Eu honro em ti, illustre e desgraçado velho, essa fidelidade digna de melhor premio. Descansa esta noite junto de mim, aqui na minha tenda. Dirás amanhã aonde queres que te mande conduzir.» — «Aonde me apanharam, para aqui me trazer, disse Belisario.» E dormiu tranquillamente.

No dia seguinte o rei dos Bulgargos, ao despedir-se do heroe, quis cumulá-lo de presentes. — «E' despojo da minha Patria o que me offereceis, disse Belisario: vós mesmo corarieis por mim de me ver delles ornado.» E não accetou senão o bastante para se alimentar a si e ao seu guia durante a jornada; e a mesma escolta o acompanhou até ao sitio onde o havia encontrado.

(Continúa).

Lisbõa, dois diários assim escriptos, informados e divulgados, seria nosso parecer que se organizasse uma imprensa periodica puramente gratuita, e quasi gratuita nestes dois principaes centro do paiz, onde seria distribuida de graça e quasi de graça, e donde irradiaria pelo mesmo preço para o norte e para o sul a fim de que fosse lida pelos amigos e inimigos das sãs doutrinas religiosas e sociaes.

Mas os meios pecuniarios para emprêsa que demanda despesas enormes?

Não é impossivel obtê-los: é facil, se houver boa vontade de quem deve interessar-se pela vulgarização da boa imprensa; e tal facil, que apenas depende duma condição: querer. Tão imperceptivel e fragil é o obstaculo, que pôde levantar-se por parte do dinheiro, que a cada um é necessario despender!

Esses meios pecuniarios procederiam de duas fontes de receita.

a) donativos ordinarios durante dois annos, ainda que somente 20 reis semanaes por cada um dos que constituem a decima parte da população continental do paiz; o que produziria o capital liquido de 800 contos que seria fundo permanente e renderia annualmente 40 contos! Um prodigio de associação de vontades!

b) producto das assignaturas e das vendas avulsas e dos annuncios, que, quando menos dariam para um quarto da despesa total dos jornaes publicados.

No proximo numero principiaremos a publicação do precioso opusculo.

AGRICULTURA

As vindimas

(Continuação)

Este artigo sobre as vindimas é a continuação da parte que aqui se publicou no penultimo numero deste semanario.

Uma circumstancia alheia da vontade da redacção (uma irregularidade de correio) foi quem o fez interromper tão abruptamente, como decerto os leitores notaram.

Vai hoje pois a ultima parte, que é a mais importante, e que, embora já perdesse bastante da sua oportunidade, ainda não vem inteiramente fóra de proposito.

Os signaes da maturação podem determinar-se por meio dos sentidos e por meio de instrumentos.

O primeiro signal da maturação é a mudança de cor: depois do pintar, as uvas brancas vão successivamente perdendo a cor verde, até ser mais ou menos loura, e tornam-se translucidas, até algumas deixarem ver a grainha; as tintas tomam a cor de rosa, a roxa ou a preta, até á maior intensidade propria da casta.

Quando esta mudança se tem operado por completo, pode pensar-se que a uva está madura. Succede porem algumas vezes que algum cacho exposto ao sol, ou por algum accidente tocado no

pedunculo, muda inteiramente de cor sem ter attingido a maturação: é pois preciso juntar a observação pela vista á observação pelo gosto e pelo tacto.

No geral das castas, a uva imperfeitamente madura, embora devidamente corada, é doce junto da pelle, mas é acida junto da grainha, e esta tem a cor verde; quando a pópa é doce até junto da grainha, e esta já não está verde, a uva está madura.

Outro signal da maturação é despegar-se o bago facilmente do pedicello ou pázinho, e ficar agarrado a este uma especie de pincel de fibras que penetravam na pópa, e ser este pincel, bem como o rebordo do pedicello, de cor roxa mais ou menos escura nas castas tintureiras.

A maturação provada pelos instrumentos funda-se no seguinte: ao passo que amadurece, a uva cria assucar; quando este deixa de augmentar, a uva, em geral, deve ser colhida.

Para ver qual é a quantidade de assucar que a uva contem, servem diversos instrumentos, entre os quaes se usam o glucómetro de Guyot e o mustimetro de Salleron.

O glucómetro de Guyot, chamado vulgarmente *pesa-môsto*, é um areómetro, isto é, um instrumento de vidro com a forma do alcoholómetro, a que em algumas regiões dão o nome de *provete* da aguardente. Na haste deste instrumento lêem-se tres columnas de numeros: em uma marca-se a densidade do liquido, que se exprime em graus de Baumé; outra indica as percentagens, em peso, de assucar, que o môsto contem; e a outra as percentagens, em volume, de alcool do vinho que o môsto ha de produzir. Cada grau que se lê na escala de percentagem de assucar indica 1,5 desta substancia por cada hectolitro de môsto, e cada grau na escala de percentagem de alcool indica este corpo na razão de 1 litro por cada hectolitro de môsto. O zero da escala está no principio da haste, e os numeros crescem dali para o bôjo do *pesa-môsto*: quanto mais denso fôr o môsto, isto é, quanto mais assucar tiver, menos o instrumento mergulha, e mostra portanto ser o môsto mais rico.

Para fazer o ensaio da uva, afim de proceder á vindima, pratica-se assim:

Colhem-se cachos duma casta de maturação mediana, espremense até encher um vaso, onde o glucómetro possa fluctuar, e cõase o môsto por um panno bem limpo.

Mette-se o vaso com o môsto dentro de agua de pôço, até que fique, podendo ser, á temperatura de 15 graus dum thermómetro centigrado, e toma-se o grau em que o thermometro parou.

Introduz-se o glucómetro e lê-se o grau da escala de assucar, no ponto em que aflora no môsto. Depois, em periodos de tres ou mais dias, conforme o clima ou a estação determinam a formação de assucar em menos ou mais tempo, fazem-se novos ensaios com uvas das mesmas castas e com o mesmo grau de calor no môsto; e quando dois ensaios seguidos dão a mesma percentagem de assucar, ou quando dá o grau conveniente para a qualidade de vinho que se quer, procede-se á vindima.

Para este trabalho tudo deve estar limpo, e sobretudo chamada a gente conveniente para que no menor espaço de tempo se encham as cubas ou lagares, sem se desperdiçarem braços. Para isto é preciso que haja boa proporção entre as pessoas que cortam as uvas e as que as transportam.

Isto depende muito dos habitos das localidades: mas em geral pode dizer-se que na vinha alta é preciso mais e melhor pessoal para trepar e cortar, do que para carregar; o contrario succede na vinha baixa.

M. Rodrigues de Moraes.

Notas e Noticias

PELO MUNDO

Grande desastre

No passado dia 27 de setembro deu-se na linha ferrea de Lilla a Paris um descarrilamento desastroso.

la o comboio passando a grande distancia junto da estação de Arleux, onde não devia parar. Em lugar de seguir pela costumada linha, entrou, por um erro de agulha, por uma linha de desvio que se andava reparando.

Então o descarrilamento era inevitavel. A machina ficou deitada na via e os carros entraram uns pelos outros, ficando muitos inteiramente despedaçados.

Dos passageiros ficaram logo mortos 20, e 50 mais ou menos gravemente feridos.

Eis o resultado dum erro de agulha!

E todavia ha tão pouco escrupulo entre nós na escolha dos empregados, a que se confia um mister de tanta responsabilidade, que não é raro ver nelle os maiores desleixados e até bebedos incorrigiveis!

Morte de Zola

Na noite de 28 para 29 do mês passado, morreu inesperadamente o celebre escriptor francês, Emilio Zola.

Tacis vita, finis ita. O desgraçado romancista, que gastara a vida e desperdiçara os talentos, que Deus lhe dera, em popinar mortaes venenos á humanidade, no realismo tórpe dos seus numerosos romances, morreu tambem envenenado.

Verificou-se que a sua morte foi devida ao oxido de carbonio que lhe inundou o quarto de dormir, em razão de se romper ou descaixar um tubo do calorifero.

Os seus funeraes serão celebrados civilmente.

Achamos coerente este procedimento dos amigos do morto: não pretendem contrariar com um acto postumo os nefandos sentimentos de quem sempre se mostrou encarnigado inimigo da Igreja, e que já não é capaz de arrependimento.

Recitem-lhe muito embora, como se annuncia, pomposos discursos junto da sombria sepultura; façam-lhe vãs e ridiculas apotheeses ao insensivel e inerte cadaver: mas ao menos tenham o bom senso de não pedir para quem fazia gala da sua impiedade as honras funebres com que a Santa Madre Igreja acompanha á ultima morada os despojos mortaes de seus filhos.

Se os impios e sectarios de cá tivessem sequer a mesma coherencia, não teriamos visto tantas vezes enterrar catholicamente os mais declarados inimigos das coisas religiosas e peccadores que levaram a sua manifesta impenitencia até á eternidade.

Profanem, já que assim o que-rem, a religião durante a vida; mas poupem-lhe ao menos o forçado in-

sulto postumo de seus cumplices, cujas almas já têm condemnado, no supremo tribunal, semelhantes desmandos, que as perderam.

Sejam coherentes!...

A febre amarella e o mosquito

Assim como na propagação da febre palustre, tambem na da febre amarella se vai reconhecendo a influencia nociva do mosquito.

Na Havana quasi que desappareceu completamente essa doenca depois que se tomaram certas medidas contra os mosquitos.

O que é accusado de inocular a febre amarella é o *Stegomya fasciata*. E essa acção pathogenica dos mosquitos parece ter já sido entrevista em 1848 por Josiah Nott de Mobile.

Prevenção contra o raio

São dum prezado collega ultramarino todas as seguintes curiosas informações:

Já é sabido de todos a secolar prevenção de, em tempos tempestuosos, não correr nem abrigar-se a gente debaixo de objectos elevados, especialmente arvores isoladas.

Contudo recentes publicações americanas fazem conhecer o vidoeiro como sendo essencialmente mau conductor da electricidade, asseverando que em muitas partes dos Estados Unidos, em tempos máus, os Indios costumam abrigar-se sob as arvores dessa especie, e com inteira segurança, pois não consta até hoje ter jámais sido ferido pelo raio o vidoeiro.

E' notorio que o raio dá preferencia a certas especies de arvores. Dos antigos eram conhecidos o loureiro, a figueira, etc., como immunes do raio; depois gozaram dessa immuniidade todas as arvores resinosas.

Agora sabe-se que as arvores mais expostas á acção do raio são as que têm folhagem abundante, com raizes profundas, em solo humido e muita seiva, condições que não reune o vidoeiro.

Se não é prudente, em mau tempo, abrigar-se alguém sob qualquer objecto, tambem não o é fugir ou correr; pois o raio parece-se com os cães, que perseguem mais os que correm.

A razão é que quem corre provoca deslocamentos de ar e correntes de aspiração após elle. E é por isso que é de bom aviso terem-se as janellas de casa fechadas: não porque ellas opponham barreira ao raio, mas porque evitam as correntes de ar no recinto do quarto.

Os progressos da cirurgia

Não ha duvida que a doutrina do *contagium vivum* com as suas ininterruptas evoluções tem immensamente beneficiado a humanidade, não tendo pelas suas applicações a medicina em geral, quanto sobretudo pelas suas applicações á cirurgia propriamente dita.

Nestes ultimos 50 ou 60 annos, depois dos trabalhos de Hende (1840), de Davaine e Rayer (1850) e Pasteur, que de progressos, de maravilhas, quasi milagres que a cirurgia moderna conta!

Mas ainda assim, pareceria impossivel que a mão ousada do cirurgião fosse devassar a estrutura do pulmão, dos centros nervosos e, o que mais é, do coração! Puro engano, que já não pode subsistir deante da realidade dos factos. A cirurgia quasi que não reconhece limites, indo por vezes invadir as attribuições da medicina propriamente dita.

Vieram estas considerações a proposito dum relatorio que o dr. Peyrot leu na Academia de Medicina de Paris, sobre o trabalho duto seu collega, que é o primeiro na litteratura medica, como ferida do coração por bala.

Trata-se duma ferida dupla do coração, por bala de revolver, curada por intervenção cirurgica.

Os symptomas observados levaram a diagnosticar uma ferida penetrante da pleura esquerda e do coração. Aberto o thorax, encontrou-se a cavidade pleural cheia de ar e sangue, partindo este duma ferida pericardica. Aberto o pericardio, viu-se que o coração estava ferido, na face anterior do ventriculo esquerdo, por onde escorria o sangue durante a diastole.

Soturada esta ferida, foi-se buscar o orificio de saída da bala, e encontrou-se na face posterior do mesmo ventriculo, proximo da base, e foi igualmente fechado á *catgut*.

Feito isto e o mais que era preciso para o bom exito da operação, que durou trinta e cinco minutos, tirados os drenos no fim de 48 horas e os pontos da sutura no fim de 8 dias, dous dias depois, isto é no fim de dez dias, saia o homem do hospital completamente restabelecido.

Guarda nocturno...

Pela noite velha, Pantaleão sente rumor de passos no seu domicilio, e, presumindo serem ladrões, salta da cama em roupas brancas, accende a vela, empunha o revolver e vai percorrer as casas, encontrando de facto um desconhecido, a quem pergunta apontando a arma.

—Que faz vossè aqui?

O outro cortêsmente:

—Ah! o senhor é o dono da casa? Tenho muito gosto em travar conhecimento com V. Ex.ª. Eu vinha precisamente offerecer-lhe os meus serviços como guarda nocturno. Anda por ahí uma ladroagem, que o senhor não imagina!

Vassoura mechanica

Acaba de ser installada em Nova-York uma vassoura mechanica, para varrer as ruas. Veiu mais esta invenção americana para occorrer aos conselhos da hygiene moderna, que teme muito o levantamento de nuvens de poeira, por causa dos microbios, causadores de doengas.

A nova vassoura é montada sobre quatro rodas. Traz uma grande caixa dividida em duas partes, contendo a mais baixa agua para irrigação e a outra destinada para receber as poeiras e o lixo.

Um só homem pôde fazê-la funcionar com todas as desejeveis condições de economia e hygiene.

NO PAIZ

Uma infamia

E' do nosso prezado collega A Folha de Vizeu, o seguinte judicioso commentario:

«Subitamente, e quando ninguém contava, por orbem do governo, foram mandados inspecção os empregados da fiscalização dos impostos e dados incapazes para o serviço muitos delles, a título de que estavam doentes.

«Da deliberação medica podem recorrer, é certo, os que se julguem lesados ou não achem justa a deliberação dos medicos; mas, como neste paiz os recursos, das deliberações governamentais, são

uma cantiga sem cotação nem importância, aquelles que forem dados incapazes para o serviço têm que aguentar-se no balanço e girar para o meio da rua.

«Quer dizer: o governo tira bruscamente o pão a quem ainda hontem o havia dado, no unico fim de abrir vagas e prover nellas ahlhados cujos padrinhos são de mais alto colturno politico.

«Tambem somos daquelles que reprovaram, por superfluo, o numero exercito, sem necessidades, da fiscalização dos impostos; mas, uma vez nomíados, uma vez levada a cabo a organização daquelles empregos, de que o general microbio teve um dia o penacho, pela característica brandura dos nossos costumes e mau senso deste paiz que o tem tolerado, achamos flagrante injustiça, com proporções duma verdadeira infamia, tirar-se o pão a quem, mal ou bem, o governo um dia o havia dado.

«Apeado o general microbio da inspeção dos impostos — elle que prevaricou — fica a rilhar ainda em farta rosca de pão, porque era um criminoso.

«E os pobres fiscaes, que não prevaricaram, mas tiveram o descóco de adoecer, vão para o olho da rua porque um crime, no consulado do sr. Hintze, é uma doença, quando ha magnate pela prôa, e uma doença torna as proporções dum crime quando é de pequenos que se trata.

«Ignobil!»

O embaixador á China

Dizem folhas varias que vem a caminho dos patrios lares o nosso heroico embaixador á China. E quasi todas accrescentam que o semideus (não pode ser menos quem viveu tantos meses no Celeste Imperio) se resigna a aclimatar-se de novo entre os mortaes, «porque julga cumprida a sua missão na China».

Estamos de accordo, julgando inuteis todas as hypotheses que para ali se vão aventando sobre o mobil de tal vinda.

Nunca soube ninguem qual fosse a tal «missão» do sr. José de Azevedo: mas todos se inclinavam a crer que não fosse outra que a de alliviar o prudente presidente do conselho dum pretendente importuno a uma das pastas ministeriaes.

Tambem acreditamos que fosse esta a santa intenção do sr. Hintze Ribeiro: mas, no espirito do embaixador, a sua missão era gozar um pouco lá por essas longinquoas viagens e remotos paizes, á custa dos 100 contos (esta é a verba confessa) que levou da mão do papá.

Ora, conhecido o genio que o famoso embaixador tem para se desempenhar de taes missões, o que admirava é que elle não a cumprisse em menos tempo.

O que é de crer é que as credenciaes lhe fossem confirmadas a certa altura.

Em summa, o embaixador chinês volta da sua alta embaixada, porque se lhe acabou o dinheiro.

A sua missão não era outra. Bem-aventurada nação, que assim gasta centos de contos de reis que tem de pedir emprestados!...

O governo

Dizem as gazetas que anda coisa no ar em materia de politica, São lão varios e lão encontrados os boatos que para ahi se lêem, que seria pequeno todo o espaço do nosso semanario, se os houvessemos de archivar aqui todos. Predomina todavia, quasi uniforme no meio de tamanha variedade, o da queda do ministerio.

Tudo leva a crer que lhe não falte fundamento. Mas já por outras vezes tem corrido com insistencia, e nada de novo.

Será mais uma vez a confirmação do «quod volumus, facile credimus?»

EM GUIMARÃES

As vindimas

Estão quasi concluidas as vindimas neste concelho.

A qualidade do vinho é muito inferior á do anno passado. A respeito de quantidade, ha proprietarios que pouco mais colhem do que a decima parte do que nos ultimos annos têm colhido.

Tem corrido ao menos um tempo muito regular para as vindimas.

Se tal se não dera, então, pelo menos em algumas partes, quasi nada se aproveitaria.

*

Lemos porém nos periodicos que, graças a Deus, não é por todas as partes assim. Ha regiões, algumas até bem vizinhas do nosso concelho, onde, se é certo que a colheita é em tudo inferior á do anno passado, não o é tanto como aqui.

E outras ha, em que vilcultores nada têm que dizer.

Seminaio-Lyceu

Em virtude de ordens superiores, que foram dadas ultimamente aos lyceus do reino, as aulas só principiam a funcionar no proximo dia 6.

Aqui, como decerto em todos os mais lyceus, os alumnos já estavam a postos, quando lhes veio do ceu (é modo de dizer: tal nome mal se pode applicar, ainda figuradamente, á direcção geral da instrução) a inesperada prolongação das ferias.

Circulo de Operarios

A zelosa e incansavel Direcção do Circulo Catholico de S. José e S. Damasco desta cidade mandará fazer no Circulo amanhã pelas 7 e meia horas da noite mais uma conferencia aos socios.

Destá vez fallará o sr. Domingos Anacleto.

Agradecemos o convite.

Incendio

Na casa da escola primaria de S. Lourenço de Sande rebentou na noite de sabbado para domingo ultimo um grande incendio, que destruiu quasi completamente o edificio.

Os prejuisos causados avaliam-se em cerca de 2 contos.

Solemnidade religiosa

Haverá amanhã no templo da Veneravel Ordem Terceira de S. Domingos importantes festejos em honra de Nossa Senhora do Rosario, padroeira da mesma Ordem.

A solemnidade, que costuma ser muito concorrida, constará de expoição durante todo o dia e de missa cantada pelas 11 horas da manhã; e da parte de tarde tambem ha de haver vespèras solennes, magnificat, ladainha e sermão pelo muito distincto orador rev. dr. Abranches.

Já hoje de tarde está exposto o Santissimo Sacramento e se cantarão vespèras e *Tantum ergo* á encerração.

LITTERATURA

A CRUZ

Pelas nuvens c'roadá, lá no alto,
Quem, doce e triste e grave e rude e santa,
Assim, singela Cruz, longe das turbas
Te levantou no monte?

Das aldeias o fillo, inda na creença,
Na creença doutros tempos que passaram,
Ao monarcha do val te deu diadema,
A's preces convidando?

Ou foi monje piedoso, que ora vaga
Perseguido e sem pão, ahi cravar-te
Na terra e na memoria ao viandante,
Como esperança unica?

Salve, singela Cruz! Que não te vejam
Lá da cidade os olhos do progresso:
Se não traz logo o camartello alçado
Na mão niveladora!

O' symbolo da fé, padrão sublime
De gloria e de amor, veste mais musgos
Esconde-te nas silvas e nas heras
Aos olhos da impiedade!

Não podem ver-te, ó Cruz, embora tenhas
Esses braços abertos carinhosa,
E os homens todos como fillos chames
Do Senhor á herança!

Mas eu, de ousado, tangerei na lyra
Aqui, em teu louvor, sem que me importe
O riso da cidade, se algum dia
Lá lhe chegar meu canto!

Quantos suspiros na soidão da tarde
Ha mandado a teus pés o velho errante!
E quantas vezes lhe restauraste alentos
Para as dôras da vida!

Que triste péso de entranhavel magna
A' donzella infeliz alijeiraste,
Vindo aqui assentar-se e daqui vendo
Já donrado o futuro!

Quantos labios da morte sequiosos
Em beijar esta pedra acharam vida!
Que de prantos vertidos nestas heras
Em perolas mudaste!

Aqui eingida dos braços do homem,
Das flores da mulher e dos sorrisos
Da infancia innocente, és como a ave
C'os fillos sob as asas!

O proprio crime, aqui, ao pôr-te a vista,
Quantas vezes terá nas mãos quebrado
O punhal homicida! Quanta esmola
Arrancada ao avaro!

Salve, singela Cruz! Mas não te vejam
Lá da cidade os olhos do progresso:
Se não traz logo o camartello alçado,
Na mão niveladora!

Eu porém, de joelhos nestas pedras
Quero adorar-te, ó Cruz, porque te vejo
Como aguija a pairar, só meditando
Rapinas ao inferno!

Quero adorar-te, ó Cruz, porque te creio
Da Grande Victima o altar erguido,
Donde ao mundo desceu a luz e a vida
Num baptismo de sangue!

Quero adorar-te, ó Cruz, porque á sandade
A' sandade dos mortos, que é na terra
Das dôras a peor, tu me apontaste
Onde eu esp'rasse ir vê-los!

Quero adorar-te, ó Cruz, porque enterrada
Daqui no chão e da colá nas nuvens
E's entre a terra e o ceu ponte segura
Por onde a Deus vai o homem!

Aqui te adoro, ó Cruz! Mas não te vejam
Lá da cidade os olhos do progresso:
Se não traz logo o camartello alçado
Na mão niveladora!

João de Lemos.

Communicados

...Snr. Redactor do Jornal de Guimarães

Creio que a estas horas o publico, depois de ter examinado as provas adduzidas em minha defêsa, no n.º 21 do *Jornal de Guimarães*, me terá absolvido da aleivosa accusação de inimigo da instrução e terá pronunciado a sentença de condemnação contra os meus detractores,

Apesar disso ousou pedir a V... a fineza de publicar nas columnas do seu bem redigido semanario, os documentos que passo a transcrever.

Como os meus detractores têm dado provas dum certo jeito para interpretarem as cousas á peor parte, receio que elles não se conformem com as razões que, no final daquela defêsa, eu apresentei para justificar a falta duns documentos a que me referia.

Ei-los;

1.º — Braga, 28 de setembro de 1902
— Meu bom amigo.

Só aqui me veio ás mãos a carta que V. Rev.º me remetteu para Monsão e tambem só na minha terra tive conhecimento do triste incidente a que deram origem os brindes tão espontaneamente levantados ao neo-sacerdote e familia, bem coou ás diferentes classes ahi representadas.

Sinto deveras o caso, não tanto por V. Rev.º que está acima de todas as calumnias que lhe quizerem assacar e muito menos a de inimigo da instrução, nem V. R.º se deve mortificar com isso pois todos reconhecem no meu bom amigo um padre illustrado e sabedor, um parochio modelo e um apóstolo da instrução; mas sinto-o muito mais por ver uma nota desagradavel na festa e no dia mais feliz do nosso amigo Padre Silva Gonçalves. Coitado!... quanto isto lhe custaria!... Tão amargurados lhe foram os dias que precederam a sua primeira missa e nem este, ao menos, lhe deixaram livre! Deus lhe concederá decerto outros mais felizes.

Acabo de lêr a carta que elle publica na *Palavra* de hontem que é a narração fiel e verdadeira de tudo quanto alli se passou. Tomo como meu tudo quanto alli diz e julgo ter correspondido assim á sua estimada carta, acrescentando mais que das suas palavras ninguem pode, de modo algum, concluir, em boa logica, que V. Rev.º seja inimigo da instrução.

Remetto o envelope da sua carta para por elle vêr, cotejando as diferentes marcas do correio, que não a recebi senão em Braga. Pode V. Rev.º fazer desta carta o uso que entender. Com muita estima e consideração tenho a honra de me assignar de V. Rev.º collega, etc.

Padre José do Egypto Vieira.

2.º — Meu Presadissimo Amigo—Briteiros, 27 de setembro de 1902.

Em resposta á sua prezada carta em que me convida a dizer qual a minha opinião relativamente ao modo como V. R.º dirigiu o ensino na «Escola Briteirense», fundada pelo meu querido e saudoso Tio, João Antunes Guimarães, tenho a dizer-lhe que foi uma felicidade meu Tio encontrar, para inaugurar a escola, um professor tão digno e sabedor como o meu amigo. Ensinava com paixão e, direi mesmo, com enthusiasmo, esforçando-se pelo aproveitamento de seus alumnos, cujas provas foram apreciadas por muitos cavalheiros competentes.

O meu bom Tio todo se gloriava com os elogios, que os seus convidados faziam aos alumnos, pela maneira como elles respondiam ás perguntas que lhes faziam.

Ainda existem muitos cavalheiros que assistiram aos exames e que podem affirmar isto mesmo. A escola que era frequentadissima, nesse tempo, contava no primeiro anno 86 alumnos, e no segundo 91!

Foi com bastante pesar de meu chorado Tio e meu que V. R.º se despediu de professor.

Emquanto ao seu modo de vêr sobre a instrução: em as nossas conversas sobre este assumpto sempre o conheci um verdadeiro entusiasta pela instrução do povo e tenho-o encontrado muitas vezes em festas escolares, sempre prompto em prestar seus bons serviços como excelente orador, que é, sendo a ultima vez no Collegio dos Orphãos de S. Caetano, de Braga, por occasião da distribuição dos premios aos alumnos (no corrente anno).

Não respondi mais cedo á sua carta, porque só tive o prazer de a lêr, quando regresssei da digressão que fiz. Pode fazer o uso que quiser desta, pois no que digo só lhe faço justiça e não favor.

Com toda a estima e amizade me subscrevo

Seu amigo, etc.

Seraphim Antunes Rodrigues Guimarães.

*

Devido á pressa com que escrevi parte do processo que se encontra no ultimo numero do *Jornal de Guimarães* saiu errado o texto do Real Propheta que se encontra na 2.ª columna da 4.ª pagina. Em vez de «secundum multitudinem miseriarum tuarum» leia-se «secundum multitudinem dolorum meorum».

Encontram-se nesse trabalho alguns erros typographicos que a pe-

ricia do leitor facilmente corrigirá (1).

Pela publicação destas linhas desde já me confesso agradecido.

Mosteiro de Souto, 2 de outubro de 1902.

O Prior, Luiz Dias da Silva.

(1) Da pressa com que, pela abundancia de materia e escasséz de tempo, se fez a revisão, resultou que passassem os erros a que o auctor se refere.

Nota da redacção.

PUBLICAÇÕES

«Obras oratorias de S. Leonar-do de Porto Mauricio».—Acabamos de receber as cadernetas de n.ºs 11 e 12 dos Sermões de S. Leonar-do de Porto Mauricio, que estão sendo publicados em traducção portuguesa pela empresa da «Revista Catholica», de Vizeu.

Nesta magnifica colleção de sermões encontram-se modelos perfeitissimos de verdadeira oratoria christã. Os leitores, que o tenham sido tambem de tão importante publicação, sabem qual é o seu valor e quão inferiores lhe ficam os mais rasgados elogios.

Bem merece pois da causa catholica a empresa editora, que assim offerece aos prégadores facil ensejo de adquirirem um grande e fecundissimo modelo para a sua orientação oratoria.

As cadernetas que agora recebemos contêm os seguintes sermões: «Do peccado de habito», — «Da pessoa de Nosso Senhor Jesus Christo» (domingo da Paixão), — «Sobre a festa da Anunciação», — «Das consolações da vida devota.»

Mais uma vez inculcamos aos nossos assignantes e leitores a conveniencia de adquirirem por assignatura estes bellos sermões, porque, finda a publicação, o preço será elevado, por ser muito resumida a impressão.

A empresa agradeceremos os exemplares recebidos.

Todos os pedidos devem ser feitos á Empresa da *Revista Catholica*, Vizeu.

—Tambem recebemos um novo methodo de «Aprender a ler e a escrever por meio de gravuras explicativas»—«Cartilha fraternal», por Eduardo G. Ferreira de Almeida.

A impressão é elegante e o preço de 50 reis por cada exemplar. O deposito é na Livraria Economica, travessa de S. Domingos, 9 a 13, Lisboa.

Agradecemos o exemplar offerecido.

—Recebemos ainda um elegante opusculo, intitulado «Origens do socialismo», pelo sr. Gomes dos Santos, redactor de «A Palavra» e de «O Progresso Catholico». Nelle expõe e critica o illustre auctor varias opiniões de numerosos personagens antigos e modernos, das quaes muitas têm mais ou menos analogia com os conhecidos erros socialistas, outras lhes serviram de principio gerador, outras emfim são a sua affirmação formal.

Agradecemos a delicadeza do offerecimento.

O editor é o sr. José Fructuoso da Fonseca (rua da Picaria, 74, Porto), e o preço do opusculo é de 150 reis.

—Recebemos mais as seguintes publicações, que agradecemos: «União Catholica», bem redigido boletim bimensal do Bispado de Portalegre;

«Novo Mensageiro do Coração de Jesus», interessantissima e excellentemente elaborada revista mensal publicada em Lisboa;

«Progresso Catholico», bom quinzenario religioso, illustrado, que se publica no Porto;

«Quinzena Religiosa», folha offical do Bispado do Funchal.



PAPELARIA

e Typographia Minerva Vimaranesse

RUA DE PAYO GALVÃO (Em frente ao mercado)

Impressão de circulares, facturas, memoranduns, enveloppes, participações de casamento e todos os mais impressos para commercio, camaras municipaes, repartições publicas e juntas de parochia, rotulos para pharmacia; programmas e bilhetes de espectaculos; recibos, etc., etc.

Impressões a cores, e cartões de visita em todos os formatos.



Albano Bellino

Archeologia Christã

Descripção historica de todas as igrejas, capellas, oratorios, cruzeiros e outros monumentos de Braga e Guimarães. Publicação commemorativa do Jubileu Universal do Anno Santo, illustrada com 66 photogravuras dos monumentos religiosos mais notaveis das duas cidades do Minho.

Cada exemplar, com 300 paginas, 1:000 réis.

A venda na tabacaria de Augusto da Cunha Guimarães.

RUA DA RAINHA—GUIMARÃES

DICCIONARIO APOLOGETICO DA FÉ CATHOLICA

Em que se contém as principaes provas da verdade da religião e as respostas ás objecções tiradas das sciencias humanas

POR

J. B. JAUGEY

Presbytero e doutor em Theologia

Com a collaboração de grande numero de sabios catholicos

TRADUZIDO DA 3.^a EDIÇÃO FRANCESA

POR

José Lopes Leite de Faria

Presbytero, professor no Seminario-Lyceu de Guimarães

Com auctorização do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio, Bispo do Porto

Assigna-se no escriptorio do editor Antonio Dourado, rua das Flores, 42—1.^o andar—Porto.

SEM RIVAL!

No estabelecimento de ARTHUR JOAQUIM REBELLO.

Café puro, especial, moído só á vista do freguez, moendo cada machina a sua especialidade.

MOKA	kilo 850
S. THOMÉ	kilo 700

Abatimento de 20 reis em cada kilo ao freguez que compre por moer.

EXPERIMENTEM
PARA AVALIAR O QUE HA DE
ESPECIAL NESTE ARTIGO

Officina de encadernação da

Typographia Minerva Vimaranesse

Rua de Payo Galvão

Nesta Officina executam-se todos os trabalhos dencadernação, brochuras, cartonagens, desde os mais simples aos mais difficeis na arte, para os quaes tem um escolhido material vindo expressamente do estrangeiro e um habil artista.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

OS CENTROS NACIONAES

PELO

DOM PRIOR

Manoel d'Albuquerque

Vende-se esta obra em casa do sr. Manuel Joaquim de Oliveira Bastos—Rua de Payo Galvão.

Preço 300 réis